

“DO GÉNIO”

(LIÇÃO DE ANTROPOLOGIA DE KANT)

Fernando M. F. Silva^{1}*

APRESENTAÇÃO

O presente texto, de que se dá aqui a tradução portuguesa, consiste numa lição de antropologia versando génio [*Genie*], intitulada “Vom Genie”. A lição foi proferida por Kant durante o ano lectivo de 1781/82 [*Menschenkunde*], e colocada entre o grupo de lições transcritas no volume 25.2 da *Akademie Ausgabe*, respeitante às *Lições de Antropologia* do filósofo, mais especificamente, em AA, 25.2: 1055-1066.

No período das lições de antropologia de Kant (1772 e 1796), ou antes, entre as lições de antropologia recolhidas na AA (1772-1789), Kant trataria o tema do génio *cinco* vezes; quatro referindo-o explicitamente no título da lição, o que fazia por “Genie” ou, mais frequentemente, por “Vom Genie”, e uma, na última versão das Lições, em Busolt, abordando-o sob o título “Von den Gemühtsfähigkeiten”. O tema não é abordado em Parow e Friedländer.² Sem excepção, Kant inscreve o assunto na fase final da dita parte teórica das suas lições, pouco antes de iniciar os estudos práticos sobre o prazer e o desprazer, ou a Característica do Homem; e não raras vezes, e ainda menos coincidentemente, as lições sobre génio estão próximas, ou directamente rodeadas de lições versando “Witz und Urtheilskraft”, as “Gemühts-Fähigkeiten”, as “Obern Erkenntnis Vermögen” ou “Vom Talent”: no fundo, temas que em geral são já afins ao do génio, mas que em Kant estavam ainda mais especialmente relacionados, e influíam ainda mais directamente sobre este.

^{1*} Fernando M. F. Silva é Mestre em Estudos Germanísticos pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa com uma tese sobre a prosa teórica de Hölderlin, e está a concluir a sua tese de doutoramento sobre a formação filosófica do jovem Novalis. Ocupa-se em especial da relação entre Filosofia e Poesia/Literatura na cultura alemã da última década do século XVIII, e tem participado em diversos seminários e colóquios nacionais e internacionais e publicado estudos sobre pensadores e autores alemães do Classicismo, Romantismo e Idealismo (Hölderlin, Friedrich Schlegel, Novalis, Kant, Reinhold, Fichte, Schelling), tendo também traduzido obras e peças de alguns deles.

² A saber: “*Genie*” (Collins, AA, 25.1: 167-170); “*Vom Genie*” (Pillau, AA, 25.2: 781-784); “*Vom Genie*” (*Menschenkunde*, AA, 25.2: 1055-1066); “*Vom Genie*. 21” (Mrongovius, 1310-1315); “*Von den Gemühtsfähigkeiten*” (Busolt, AA, 25.2: 1491-1499).

Ao se abordar o *conteúdo* de “Vom Genie” (1781/82), e se comparar este com aquele de outras versões sobre o mesmo tema, saltam ao olhar *similaridades* dignas de nota, e que por certo podem levar a pensar a singularidade do conceito em Kant quando comparado com outras visões suas contemporâneas sobre o assunto. Cada uma destas similaridades, cremos, significa para Kant uma das *características principais do génio*, e poderia dar azo a um estudo *per se*; mas aqui, apenas as afloramos, enumerando-as da seguinte forma: **1)** o génio representa para Kant o acto de geração espontânea, a criação única e original (“es muß eine ursprüngliche Originalität da seyn” (AA, 25.2: 1056); por conseguinte, o génio não pode ser aprendido mediante aplicação [*Fleiß*], não pode ser reproduzido enquanto tal, e é *inimitável* (“Original heißt 1) negativ das, was nicht nachgeahmt (...) ist (...)” (id.)); pois, embora benéfico, ele nasce de uma desproporção, e é um aborto (“Das Genie ist auf das Mißverhältniß, wie eine Mißgeburt, bei welcher einige Glieder übel gebauet sind welche aber im übrigen gesunde Glieder hat” (id.: 1058-1059)); **2)** Apesar dos seus membros desproporcionais, há porém no génio *membros saudáveis* – o seu carácter de unicidade, de originalidade, de originariedade, e também de superioridade –, os quais desde já muito o inclinam não para a monstruosidade, mas para a *beleza*; a saber, para uma *proporção dos talentos* que sempre caracteriza o génio, e que por conseguinte, apesar da sua inimitabilidade, fazem dele um modelo estético [*Muster*], e com que ele seja digno de imitação: “Original heißt (...) 2) positiv, wenn etwas nachahmungswürdig ist, weil es keine Nachbildung ist, sondern ein Original genannt werden kann, was nachgeahmt zu werden verdient” (id.: 1056); **3)** Ora, se os seus outros atributos o não denunciaram já, o facto de o génio ser *inimitável, mas também digno de imitação* certamente denuncia a ligação do génio a outros à altura recém-adquiridos princípios estéticos, como o engenho (o “Witz”), ou o gosto. Pois, no fundo, também o génio se inscreve no complexo problema do processo de formação de representações ou imagens no espírito humano, e portanto, também ele envolve para Kant um singular diálogo entre as inferiores e superiores faculdades do ânimo, enquanto força intermédia, enquanto força do conhecimento entre estas; com a diferença de que, para o Professor de Königsberg, o génio não é apenas mais um princípio estético, antes um problema maior, que não exclui, mas alberga em si os anteriormente mencionados, e procura alcançar entre estes e os restantes harmoniosa proporção; **4)** Por estes dados se poderá explicar, por fim, a definitiva imagem kantiana do génio, a saber, a imagem *do génio como uma árvore*, presente na nossa lição, em “Vom Genie”, 1781/82 (Menschenkunde (id.: 1062)), e em “Von den Gemühtsfähigkeiten” (Busolt (id.: 1496)), na qual se evidencia pois ser o génio organicamente composto por *raízes* (faculdade de julgar) e *copa* (imaginação, sensibilidade), mas também por *flor* (gosto) e *fruto* (espírito), mas sobretudo, tender este para a proporção ideal das suas 4 partes – a qual, claro está, tão-pouco pode ser intelectualmente ou racionalmente visada, antes tende a emergir na *ilusão própria da poesia*.

Assim, por certo que estes e outros pontos lançam *a discussão sobre o génio em Kant* – um tópico que, convenhamos, não era exclusivo de Kant, antes era à altura alvo de toda uma crítica, uma literatura especializada sobre o conceito – literatura esta que em meados do século XVIII estava já instituída, e valia ao génio um lugar de destaque entre os problemas filosóficos

mais prementes da época³. Nesta breve apresentação, contudo, não é nossa intenção juntarmos a nossa voz a esse tão importante filão teórico, mas antes abordar o muito menos questionado, e muito mais esquecido problema de *como a pregnância do conceito de gênio, e por conseguinte o questionamento kantiano sobre o gênio, puderam vir a ser*. Isto é, em vez de partirmos dos anteriores pontos para alcançar uma imagem do gênio em Kant, propomos *retroceder* na análise ao conceito, e tentar gizarr uma brevíssima *história* do mesmo⁴ até Kant, de tal modo que essa mesma história possa legitimar os anteriores pontos, e explicar o porquê de Kant tão recorrentemente inquirir o conceito – deixando para a tradução da lição a resposta a outras eventuais questões do leitor.

Ora, uma tal breve história do gênio não nasce aqui do nada. Aliás, é o próprio Kant que sugere a importância da mesma no ulterior significado filosófico do termo, e fá-lo justamente na nossa lição, dizendo que gênio provém de “genius (...), welcher einen eigenthümlichen Geist bedeutet, der den Menschen immer begleitet, der ihm schon von der Geburt an beigesellt ist, und ihn regiert“ (id.: 1056), mas também de “*gignere* (...)”, es müssen und also die Erzeugnisse schon angeboren, und unserer Natur gleichsam eigenthümlich sey“ (ibid.). Na Lição-Busolt, Kant é ainda mais explícito, mas ao mesmo tempo também mais enigmático, e diz: “Der Deutsche hat vor genie kein Wort. Auch kommt genie nicht aus dem frazösischen; sondern von dem lateinischen Wort Genius her. Genius war bey den Römern der eigentliche Geist des Menschen, der bey Geburth anfängt und mit dem Tode aufhört. Dieser Geist war den Menschen beygesellt, um ihn an und abzurathen. Das ist eine Art Metapher und Allegorie. Doch hatte das Wort bey den Lateinern nicht die Bedeutung, die es bey uns hat. Es bedeutet nämlich nicht genie; sondern einen reinen ingenium.“ (id.: 1493).

Assim, ao se procurar a genuína origem do termo gênio, ou sequer os primeiros rudimentos de uma *história* do termo, cedo se constata que tais buscas resultam em parte frustradas, e nos levam a tactear por um fio da história das línguas que o tempo apagou. Mas se há um ponto assente, e o único a partir do qual parece ser possível encetar uma breve história do conceito em séculos mais recentes, *é aquele por Kant aqui focado*, e em que não obstante os dicionários de várias línguas, etimológicos ou não, parecem concordar: em primeiro lugar, que gênio provém em parte do grego “*gen*”, *gerar*, e por isso não sem referência a “genitalia”, “engendrar”, e em parte do correspondente latino “*gigno*”, “*gignere*”: *criar, no sentido de criar espontâneo e próprio, ser pai de, gerar com propriedade*; e em segundo lugar que, com o tempo, estas noções viriam a resultar em *duas outras*, de cuja evolução semântica conjunta *gênio* parece ser o produto final: a saber, os longínquos, mas claramente aparentados termos latinos “*genius*” (de “*gen*”) – na

³ Disto não faltam aliás exemplos: nas ilhas britânicas, os de William Duff, *An Essay on Original Genius* (1767), James Beattie, *The Minstrel; or, The Progress of Genius* (1771/2), ou Alexander Gerard, *Essay on Genius* (1774) – este mais tarde traduzido por Christian Garve, e louvado por Kant (AA 25.2: 1055); na França, os de Jean Soubéiran de Scopon, *Considerations sur le genie et les moeurs de ce siecle* (1749), Claude-Adrien Helvétius, em *De l'esprit* (1758), ou Jean-L. Castillon, *Considerations sur le les causes physiques et morales de la diversité du génie* (1769); e na Alemanha, onde se destacam J. G. Sulzer, “Entwicklung des Begriffs vom Genie” (1757); F. G. Resewitz, “Versuch über das Genie” (1760); Carl Friedrich Flögel, “Versuch über das Genie” (1762); Ernst Carl Wieland, *Versuch über das Genie* (1779), Michael Engel, *Über Genie und Studium* (1784).

⁴ Para o fazer, recorrerei sempre que possível a três obras centrais na historiografia do conceito de gênio: *An Analytical History of the Conception of Genius in English Literature and Thought from 1700 to 1775*, de Ralph Frederick Breach King, Michigan, Palala Press, 1960; *L'exception exemplaire: Une histoire de la notion de génie du XVIe au XVIIIe siècle*, de Jean-Alexandre Perras, 2012 (tese), e *Genie. Zur Bedeutungsgeschichte des Wortes von der Renaissance zur Aufklärung*, de Hubert Sommer, Frankfurt, Peter Lang, 1998.

religião romana, um ser divino criador de todas as coisas⁵, ou um espírito protector, demónio (*daimon*) ou anjo que sempre acompanha o homem nas suas boas e más acções, que nasce e morre com ele –, e “*ingenium*” (de “gigno”⁶), a saber, um talento ínsito, um dom inato, uma inclinação natural para, sem instrução, criar aquilo que outros sem ela não lograriam criar. Dois termos que, sabemo-lo hoje, significavam originariamente coisas diferentes, vigorariam em tempos diferentes e trilhariam cursos diversos; mas que, sem que se saiba bem como, *viriam a entrelaçar os seus campos semânticos, a ponto de serem entendidos quase como um só*⁷, e, mediante tais fusões, a originar em séculos posteriores o português *génio*, o espanhol *genio*, o inglês *genius*, o francês *genie* – e, o que nos interessa aqui especialmente, o alemão *Genie*, que Kant aborda; isto, reitero, embora não haja registo sobre como estes termos vieram a ser, como, quando ou porquê eles se uniram ou desuniram entre si, como se influenciaram ou exactamente quando transitaram para outras línguas.

Ora, ainda que muitos dos episódios históricos destas intersecções, especialmente os primeiros, não sejam visíveis, há porém outros traços mais gerais que se deixam ainda reconstituir, e sobre os quais queremos debruçar-nos. Um destes é de especial importância para a classificação etimológica atrás tecida por Kant: a saber, o fenómeno do trilho percorrido pelo termo *génio* desde o inglês *genius*, a partir do século XVI, a sua paulatina transformação no francês *genie*, e o seu ulterior suscitar do termo alemão *Genie*, no século XVIII, um fenómeno pouco anterior a Kant, e a que Kant alude. Numa palavra, pois, visamos aqui o episódio da *paulatina e ulterior transição do termo génio entre as conotações latinas “genius” e “ingenium”*, como ela se dá entre a Inglaterra e a Alemanha no espaço de dois séculos.

Assim, por volta do século XVI, a palavra *génio* era já corrente por toda a Europa: “genius war schon im 16. jahrh. Gangbar” (Grimm, DW 4.1.2, 3396); e isso, tanto na Inglaterra, como na Alemanha, onde a palavra *genius* pode ser encontrada no seu significado latino de *Genius*, isto é, de espírito protector dos homens. Isto, aliás, tinha uma natural causa: pois, é hoje sabido, o termo *genius* é anterior, e por isso mais vetusto do que o seu parente *ingenium* – a ponto de dele dever partir a investigação sobre a história do conceito (id.); e portanto, até à altura, e durante alguns séculos mais, o termo “genius”, tendo sido exclusivamente extraído “da língua romana e do mundo dos pensamentos dos humanistas” (ibid.), e sendo por isso o primeiro em vigor na Europa, demarcava-se por completo, e não dava a entender em si o seu correspondente “ingenium”, ou a acepção de criação própria por este veiculada.⁸ “*Genius*”

⁵ Na sua 1ª edição, a *Encyclopaedia Britannica* não o menciona; mas na sua 1ª edição em solo americano, de 1798 (equivalente à 3ª edição inglesa), fala-se até em “genius” como “the god who had the power of generating all things” (Encyclopaedia, 7, 623), “the Son of God, and the Father of men” (id.), ou ainda “tutelary god of each place” (ibid.). Os Grimm corroboram isto mesmo, e aduzem que em tempos mais recentes, esta faceta do *génio* não esmorecera; tanto assim, que ainda nos séculos XVII e XVIII, se fala de “die natur, ja Christus und gott selbst als genius” (Grimm, DW 4.1.2, 3402). Mas o culto alegórico do *génio* de modo algum se esgota nesta sua altura maior; pois, informam os Grimm, *génio* era também “genius saeculi” (id.: 3401); “der genius eines volkes, landes” (id.); “genius des vaterlandes” (id.: 3402); “genius der menschheit” (id.); “das schicksal als genius” (ibid.), falando-se não raras vezes em *génio* da paz, da amizade, da guerra, dos tempos, da literatura, a ponto de haver de *génio* incontáveis instâncias!

⁶ Friedrich C. Diez, no seu *Etymologisches Wörterbuch der romanischen Sprachen* (1853), diz de “Ingegno”: “(...) altsp. engeño (...), engeinh (...); fr. engin, *erfindungskraft, dsgl. künstliche maschine; von ingenium. Daher altfr. engignier, überlisten, pr. engenhar, nachstellen, it. ingegnarsi, nfr. s’ingénieur, auf mittel sinnen* (...)” (Diez, EwrS.1, 195).

⁷ Isto mesmo, corrobora-o Breach King ao dizer que “rarely did the Romans use genius to denote wit or talent” (King, AHCG, 6), e que “from at least as early as Plato (...) limited recognition was given to the importance of native endowment (...)” (id.: 10).

⁸ Citação extraída de <http://quod.lib.umich.edu/e/eebo/A21313.0001.001/1:7?rgn=div1;view=fulltext>.

significava estritamente o espírito que ou cuidava, ou fazia incorrer em pecado o homem; e “*ingenium*”, bem dissociado deste, nada tinha a ver com tais entidades: ele era o resultado de um dom, um talento, uma qualidade ou inclinação criativa do espírito humano.

O caso mais exemplar desta adoção unívoca de “*genius*”, e de um tal uso unilateral do mesmo, é a *Inglaterra*, que não a tomaria por empréstimo, como a França ou a Alemanha, antes, até hoje, tomaria por sua a própria palavra latina (“*Genius*”/ “*genius*”). Assim, um dos mais antigos usos registados do termo figura na tradução inglesa do *Roman de la Rose*, por Chaucer, na segunda metade do século XIV (King, AHCG, 12); o termo surge também no poema *Confessio Amantis* (c. 1390), de John Gower (id.: 13), e não muito depois ressurgiu aqui e ali, apenas timidamente, em Spenser, Jonson ou Shakespeare (id.: 13-26) – e sempre, em todos estes casos e noutros nos séculos XV e XVI, sob a forma do já referido *uso clássico do termo*; prova disso, aliás, é que, ao se consultar um dos primeiros dicionários de língua inglesa, *The Dictionary of Syr Thomas Elyot Knyght* (1538), Thomas Elyot dá de “*genius*” a seguinte entrada: “an aungell. Amonge the Paynims some supposed it to be the spirite of a man. Some dydde put two governours of the sowle, a good and an euyll, *Bonus genius*, & *malus genius*, whyche neuer departed from vs. sometyme it is taken for nature it selfe, or dilectation meued by nature”⁹. O mesmo é dito em 1604, por Robert Cawdrey, no seu *A Table Alphabeticall*: “*genius*, the Angell that waits on man, be it a good or euill Angell.” (Cawdrey, TA, sem pág.). A partir destes registos, o termo abre lento, por vezes incerto caminho nas literaturas e lexicografias europeias; em França, por exemplo, um dos primeiros registos da palavra “*genie*” surge por volta de 1482, em *Vie et passion de saint Didier*, de Guillaume Flameng (Perras, EE, 13), e por volta de 1500, pelas mãos de Saint-Gelais e Rabelais (id.)¹⁰, mas não seria registada por dicionários de língua francesa até ao século XVII; e na Alemanha, dizem os Grimm, há registos da palavra “*genio*” e “*genius*” já em Hans Sachs, “*Der Tod zuckt das Stüllein*”, (1558), e Johann Fischart, *Podagrammisch Trostbüchlein* (1577) (Grimm, DW 4.1.2, 3396); usos do termo clássico, porém, que não constam ainda nem do *Teutscher Dictionarius* (1571), de Simon Roten, nem do *Teutsches Sprach und Weiszheit* (1616), de Henisch.

Assim, creio, os anteriores exemplos permitem-nos uma assumpção. *Até ao fim do século XVI, dir-se-ia, quase não haverá, ou não haverá de todo casos registados de um uso de gênio que não obedeça a uma significação clássica*¹¹; e se isso é certo na literatura, na filosofia, enfim, nas diversas ocorrências da palavra escrita na vida cultural destes povos, uma tal assumpção revela-se ainda mais verificável nos registos lexicográficos da época, os quais, ou por estarem então na sua infância, ou por se tratar “*genius*” de um estrangeirismo, ou então apenas porque a palavra não se tinha difundido sobejamente – ou as três razões juntas –, não fazem até à data qualquer registo do mesmo.

⁹ Sobre as dificuldades inerentes à compreensão dos primeiros registos de “*génie*”, cf. Perras, EE, 54-55.

¹⁰ De referir que também na *França* e na *Alemanha*, onde *genius* era também já corrente, o uso da palavra era similar; supõe-se, porém, que cada uma destas línguas, não podendo referir-se ainda a *genius* senão como um espírito acompanhante, e não podendo recorrer sem mais ao latim *ingenium*, se serviriam para o efeito dos respectivos, mais antigos “*esprit*” e “*Witz*” (e na Alemanha também “*Geist*”), o mesmo acontecendo por certo com o “*wit*” inglês, que à altura por certo diferiam de *génio*, mas que em breve muito se prestariam ao *génio* sob a égide do “*ingenium*”.

¹¹ Cf. Grimm, DW 4.1.2, 3398, 3407 e 3408.

Seria o século XVII, pois, o *ponto de viragem* neste episódio – não só porque aí se dá a muito importante transformação entre “genius” e “ingenium”, mas porque o termo génio adquire aí uma outra envergadura e relevância, *uma nova vida e validade muito para além do seu antigo conceito*¹²: fenómenos que pretendemos identificar no alargamento da questão de Inglaterra para França, e daí para a Alemanha, onde ela surgiria na sua última forma, na época de Kant. Cumpre-nos, pois, discernir os traços gerais de tais fenómenos, e ver como eles põem em marcha este alargamento.

Assim, com o decorrer do séc. XVI, surgem já esporadicamente alguns primeiros usos *não-unívocos do termo*, os quais, creio, poderemos considerar serem os primeiros sinais de que já então o génio poderia ser não só “genius”, mas também, e cada vez mais, “ingenium”; *o mesmo uso, afinal, que Kant viria a atribuir ao termo, e que diz distinguir o significado da palavra entre alemães e latinos*. Rabelais, por exemplo, é nisto um dos precursores, usando “genius” já numa nova acepção de “ingenium”, no seu *Pantagruel*, c. 1532 (Perras, EE, 13), e Scaliger, ainda no séc. XVI, segue-o no mesmo uso do termo (Sommer, GZBW, 43-49); quase simultaneamente, em 1575, é publicado o *Examen de Ingenios* do espanhol Juan Huarte de San Juan, que escreve sobre o “*ingenio*” enquanto engenho (*Witz*), e portanto já no sentido contemporâneo da nova concepção de génio; e mesmo que não considerássemos os ditos *Metaphysical Poets*, também Philip Sidney, em “Apology for Poetry” (1579), menciona “genius” como sinónimo de “wit”, e portanto como um traço inato (King, AHCG, 32). Ora, com que pungência o termo se enraizaria nas línguas europeias a partir destes exemplos, apenas o poderemos supor. Mas certo é que *a inovação é real*; e são os dicionários da língua, pelo menos os ingleses e franceses, e sobretudo a partir do século XVII, que dessa inovação dão melhor prova, justapondo ao anterior significado clássico do termo “genius” um outro, mais afim a “ingenium”. Assim, atestando este mesmo novo uso da palavra, John Bullokar diz de “genius” no seu *The English Expositor* (1616): “The spirit or Soul. A good Angel, or a familiar evil Spirit” (Bullokar, EEx, sem pág.); mas, logo após, aduz: “Also one’s natural Inclination or Propensity to do any Thing.” (id.) (note-se a diferença para Cawdrey (1604)); do mesmo modo, e numa linguagem muito próxima, Elisha Coles, no seu *English Dictionary* (1676), apresenta “genius” como “attending spirit” (Coles, ED, sem pág.), após o que aduz: “also nature, fancy or inclination” (id.); na França, Cesar e Antoine Oudin dizem a respeito, no *Thresor des Deux Langues* (1645): “Génio, le genie d’un chacun, c’est le bon & mauvais. Ange qui est baillé à un chacun dés sa Nativité, pour le garder ou luy nuire. *Item, le naturel de l’homme*” (Oudin, TTL, sem pág.); e na Alemanha, embora porventura influenciado por dicionários de outras línguas, de salientar Nicolaus Volckmar, *Dictionarium Trium Linguarum Latine, Germanice Et Polonice* (1605), diz de “Genius”: “zu der Natur gehörig” (Volckmar, DTLL, 364).

OS EXEMPLOS APRESENTADOS, CREIO, SÃO SOBEJAMENTE ESCLARECEDORES.

Assim, não é difícil ver que, tanto na Inglaterra, como não muito depois na França, génio continua a ser um anjo, um espírito tutelador das acções do homem, e por conseguinte a palavra não deixa de ter uma significação clássica; mais ainda: nestes dicionários como

¹² Cf. Grimm, DW 4.1.2, 3398, 3407 e 3408.

noutros, este significado é invariavelmente o primeiro a ser registado, prova da sua contínua importância. Mas, diz-se também, *génio não mais é apenas isso*; génio não mais é apenas uma entidade de natureza divina que guarda ou condena os homens, que talha o destino e a vida dos mesmos, e com eles eventualmente morre. Não; pois, pouco a pouco, no espírito dos homens, *a própria natureza do génio altera-se*; não na sua *origem inata*, e tão-pouco na *índole superior* das suas criações, que o génio preservará também na sua índole de “ingenium”, e que sempre serão neste o legado do “genius” romano; mas, sobretudo, *na índole do génio, e na ordem das respectivas criações do mesmo*. Pois, paulatinamente, o génio deixa de ser a voz que sempre guia o homem, que por ele delibera sobre as acções e omissões, e que assume o crédito disso mesmo; inato e superior que era, não obstante, o homem paulatinamente prescinde da natureza exterior, ou dessa forma de *alteridade interior* que era a do genius, e, *reconhecendo-a em si mesmo*, e isso enquanto sua própria interioridade subjectiva, transfere esses mesmos poderes de execução, esse poder de decisão e de criação, para si mesmo, *tornando-os sua própria natureza inata e não menos superior* (o seu natural, naturel ou nature), tornando-se ele próprio único entre os homens; *uma definição que já confina com a de Kant*, cerca de um século e meio depois. Isto é, *o génio deixava de ser exclusivamente “genius”*, e com isso adquiria uma maior amplitude de movimentos, tornava a sua acção mais individual, mais criativa e engenhosa. A ligação do génio, enquanto “genius” latino, à acção quotidiana dos homens esmorece, e dele passa a depender uma mais singular, mais produtiva, mais inventiva, impulsiva e subjectivamente criativa acção; e ao assim proceder, *pouco a pouco “genius” dá lugar ao... “ingenium”*; ou, dir-se-ia, o génio externo é como que incarnado pelo espírito humano, e de característica inata e superior de *todos* os homens, que os unia ao divino pelo resultado das suas acções no palco da vida, o génio passa a ser traço inato apenas de *alguns homens singulares*, que se vêem ligados ao divino não por criações alheias, mas por criações próprias, de sua própria feitura e de que apenas eles podem reclamar mérito.

Numa palavra: *o génio, enquanto “ingenium”, passava a ser não uma contingência, mas um infalível e certo dom, ou talento, ou inclinação naturais do espírito humano*, não comum a todos, mas visto como uma superior e inconfundível capacidade própria de eleitos: a saber, uma superior força do espírito humano, capaz de feitos superiores, inimitáveis, inaprendíveis; e os feitos do génio, por sua vez, passam a ser não os comuns actos indissociáveis da mão de um anjo bom ou mau, mas sim os frutos imediatos de talentos especificamente individuais, subjectivos, referentes não tanto ou apenas à moralidade, mas a uma singular disposição ou qualidade criativa do espírito humano. Assim, a transição de génio de “genius” para “ingenium” pode e deve ser vista por *dois prismas diferentes, mas não inteiramente desfasados*.

Por um lado, poder-se-á dizer que esta transição origina uma nova, paulatina inscrição do conceito de génio na paleta dos talentos humanos; pois antes mero espectador da criação (“gen”), o homem era agora, cada vez mais, *agente na criação* (“gigno”); isto é, de mero “genius”, da não-individualidade, e portanto *mera passividade do ser humano* perante a voz em si ressoante de um espírito que lhe diz o que deveria fazer ou como deveria agir, o génio, *agora “ingenium”, agora elevado a talento, a inventividade ou disposição inata do ser humano para a criação original, era, ao invés, cada vez mais fonte de individualidade, e portanto de actividade do homem*; e portanto, *ao passar de acto criado a acto criador – a poiein –, o génio ascenderia na cadeia das capacidades*

humanas, inscrever-se-ia entre elas, passaria a ser nomeado como uma delas – não apenas como *natural*, mas já também como *talento* natural –, e ganharia até entre estas um lugar de destaque, garantindo para si merecido realce. Um tal lugar de destaque, aliás, seria reconhecido um pouco por toda a Europa. Como prova, tome-se o exemplo de John Milton, que em “Comus” (1634) e “Apology ... against Smectymnuus” (1642) refere-se respectivamente a um “Genius of the shore” e a um “guiding genius” (King, AHCG, 17), ambos de matriz clássica, mas mais tarde, em “Pro Se Defensio” (1655) e na “Defensio Secunda” (1654), faz já uso do novo sentido da palavra: “to obtain (...) the praise of learning, and of genius [doctrinae & ingenii laudem] (...)” (King, AHCG, 33); em Espanha, surge *Arte de Ingenio* (1642), de Baltasar Gracian, novamente associando o talento do *genio* a *ingenio* (“ingenium”, “Witz”); e por fim, vejamos os exemplos da lexicografia inglesa e francesa, de onde destaco John Kersey, cujo *Dictionarium Anglo-Britannicum* (1708) diz ser “genius”: “(...) Also a Man’s natural Disposition or *Indowment*” (Kersey, DAB, sem pág.); César-Pierre Richelet, *Dictionnaire François* (1680), o primeiro integralmente em língua francesa, e o primeiro a figurar a palavra “genie”, que diz deste: “Les Anciens faisoient un Dieu du Genie, mais parmi nous c’est un certain esprit naturel qui nous donne une pente à une chose. Naturel. Inclination naturelle d’une personne [Avoir un beau genie (...)]” (Richelet, DF, 369); o *Dictionnaire Universel* (1690), de Antoine Furetière, que diz da entrada: “(...) Se dit aussi du talent naturel, & de la disposition qu’on a à une chose plutort qui à une autre (...). Il faut de genie pour la Poësie” (Furetière, DU.2, 162); e, por fim, o *Dictionnaire de l’Academie* (1694), de Diderot e D’Alembert, que diz sobre “genie”, com clareza inequívoca: “(...) Il signifie aussi, L’inclination ou disposition naturelle, ou le talent particulier d’un chacun (...). On dit Travailler de genie, pour dire, Faire quelque chose de la proper invention & d’une manière aisée & naturelle” (Encyclopédie.15, 517).

Por outro lado, uma tal transição, e subsequente elevação do génio a talento humano, tem uma outra repercussão que nos poderá ajudar a compreender a crescente importância do conceito nos séculos XVII e XVIII, bem como entender a absoluta centralidade que o conceito teria por altura de Kant; a saber, *a ascensão do génio e de outras pré-categorias estéticas como resultado natural do caracter essencial de mais-pensar do homem, e ulteriormente como natural efeito do caracter de cada povo*. Assim, se atentarmos no caso em questão, a ascensão do génio, ou a transição de “genius” (*genius*) para “genius” (*ingenium*) não se deu por uma mera evolução da língua, e muito menos por uma qualquer insuficiência do conceito de “genius”, ou por uma qualquer pregnância do conceito de “ingenium”. Não. Mas por isso, pergunta-se: como, ou porquê, ou quando, deixa o génio de ser “genius” (lat.), e passa a ser “genius” (ing.), “génie” (fr.) ou “Genie” (al.)? A isto, só se pode responder: o “genius” clássico deixa de o ser quando, no caso dos referidos países, ao invés de um génio bom ou mau, o génio passa a ser antes um atributo do homem individual, um talento do sujeito isolado (mediante a já referida reorganização dos talentos) – mas, sobretudo, *quando essas alterações, ocorridas em bom tempo em cada país, transportaram para o novo conhecimento do talento do homem aquelas que são as características nacionais dos homens que as promoveram, e portanto, por osmose, se tornaram características de um povo*. O génio, dir-se-ia pois, é *único*: pois ele era agora *um talento superior*, e afirmava-se enquanto tal; mas ele não o era apenas enquanto capacidade recém-enaltecida do homem, mas sobretudo também como *traço de um povo onde tais homens agem e criam, e reconhecem e*

são reconhecidos enquanto tal mediante essas mesmas características geniais. Disso mesmo, e desta faceta especificamente nacional da *transição genius-ingenium*, é prova, por exemplo, Walter Charleton, e a sua obra *Concerning the different Wits of Men* (1661); aí, aliás, não só a palavra “ingenium” chega mesmo a surgir grafada, e “genius” surge já não raras vezes no lugar de “wit”, como, não bastando tais violências, o autor, num derradeiro esforço de anglicizar o “genius” latino, e de o desprender de vez da tradição clássica, tradu-lo não já por “genius”, mas por “ingeny” ou “ingenies” (King, AHCG, 37). Porventura um tão bom exemplo vem da França, que já desde o século XV, isto é, a seu tempo e à sua maneira, fizera também a transição primeiro de “genius” para “génie” - muito por influência de Rabelais e Scaliger, e isto não sem violência¹³ -, e agora, no século XVII, de “génie” enquanto *genius* definitivamente para “genie” enquanto *ingenium*, superior capacidade individual de criar (por influência posterior de Sarrazin e Saint-Evremond (Sommer, GZBW, 65-68) - no que é, sem dúvida, também um movimento de repercussão, de identificação e singularização nacional do génio. E por fim, que mais senão este mérito poderia reclamar a própria Alemanha, que tal como as outras duas nações partiu da origem comum de “Genio” ou “Genius”, em tempos corrente na Alemanha, vindo a evoluir, não casualmente, para “Genium”¹⁴, a apropriar-se no século XVIII, tão-pouco sem violência¹⁵, do francês “génie”, e a partir do século XVIII, pela mão de poetas e filósofos, daria ao “Genie” alemão um cunho sem igual (“Geniezeit”)? Pois, por certo, assim procede já a linguagem, os termos quotidianos, nas suas mútuas apropriações entre homens e povos, e isso explica até certo ponto o vogar do termo entre países. *Mas no caso do génio, como no caso do “Witz”, como no caso do gosto, etc., isto é, no caso de tais termos estéticos em ascensão, cujas mudanças têm repercussões na própria disposição de indivíduos e países, e imprimem até alterações sobre o modo de pensar destes, isto é tanto mais notório.* Pois, no fundo, não é apenas de indivíduos que se trata aqui, mas de *conceitos próprios*, talhados pela mão dos povos eles mesmos (numa singular homenagem ao próprio “gigno” do génio); conceitos que, bem vistos no seu produto final, conduzem por certo ao enaltecimento individual de homens e povos, e não a um extremar de posições diversas; conceitos que levam não a uma excessiva e violenta singularização dos países, mas, bem pelo contrário, a uma certa *união dos povos, e das línguas destes, em seu torno*, de tal modo que, como aqui, tais conceitos antes cooperam, antes se entreadjudam e legitimam uns aos outros apesar de tão importantes e necessárias diferenças, e unem em seu torno as literaturas dos respectivos países - o que viria a ocorrer no século XVIII em torno dos conceitos de génio, “Witz”, etc.

Assim, poder-se-á até admitir que o génio era já mais do que isto, e que, por estes tempos, génio, enquanto conceito, crescera já muito para além dos dois prismas aqui referidos; pois, com a refração própria de uma pedra rara, e também o sempre crescente valor desta, ele significava agora “geistige anlage oder gabe überhaupt (...), mehr ingenium” (Grimm, DW 4.1.2, 3422). Mas, a meu ver, são os dois referidos fenómenos, a saber, a *elevação do conceito de*

¹³ Sobre a *violência* de tal transição, cf. Grimm, DW 4.1.2, 3407-3408; sobre a *transição* em si, cf. Sommer, GZBW, 35-52 (Subcapítulo “Génie als Nachfolger des «ingenium»”).

¹⁴ Adelung, aliás, diz que o Génie alemão, “Das Genie”, não provém de “genius”, e vem a ser por influência de “ingenium” (como o faz Kant), antes provém directamente de “ingenium”; ou, nas palavras do próprio, “[abstammt] von Ingenium (...), wofür in den mittlern Zeiten auch nur Genium üblich war” (Adelung, GKW. 2, 559).

¹⁵ Cf. Grimm, DW 4.1.2, 3398: “Im 18. Jahrh. kam das lat. Genius zu einem neuen aufleben und weiterer geltung, auch weit über den antiken begriffskreis hinaus, durch die neue und vertiefte hingebung an das römisch-griechische altherthum, begegnete sich aber nun mit dem zugleich eindringenden französischen génie und hatte sich mit ihm auseinanderzusetzen (...)”.

gênio à actividade dos homens, e a singularização desse novo conceito de actividade criativa como marca de homens e países, aqueles que melhor ilustram a transição de “genius” para “ingenium”, e por fim também do conceito de gênio do séc. XVII para o século XVIII, e para a roupagem que lhe oferece Kant. Por fim, aquando desta transição, a fase áurea do conceito de gênio, a sua plena consumação, ocorreria sem excepção por toda a Europa (agora unida por diferentes conceitos, mas um e o mesmo sentido de gênio), e isso sob um aspecto duplo.

Assim, nos *referidos países*, e acompanhando a ascensão de gênio a talento inato, mais criativo do espírito humano, forma-se em torno do conceito toda uma crítica literária e filosófica; numa palavra, uma literatura especializada sobre, e como resultado dos recém-adquiridos conceitos de gênio. Esta mostrar-se-ia sob formas várias, e de país para país com diferentes intensidades; na Inglaterra, sublinharíamos “Remarks upon Blackmore’s Prince Arthur” (1696) e “The Advancement and Reformation of Poetry” (1701), de John Dennis (King, AHCG, 48ff), “Epistle to a friend concerning Poetry” (1700), de Samuel Wesley (id.: 53ff), “On Genius” (1711), de Joseph Addison (id.: 55ff), ou “Preface to the Translation of the Iliad” (1715), de Pope (id.: 59ff). Na França, destacaríamos as “Réflexions critiques sur la poésie et sur la peinture” (1719), de Abbé Dubos, e ainda os nomes de la Chaussée e Crébillon (Sommer, GZBW, 99-107); e na Alemanha, os primeiros contributos de Wolff, Klopstock, Winkel, Gellert, Gottsched ou Lessing, entre muitos outros; estes últimos, especialmente impulsionados pelas questões referentes a sentimentalismo e sentimentalidade, e pelo período do *Sturm und Drang*.

Mas, em específico *na Alemanha*, e isso sob a forma de *um ulterior estágio de evolução do gênio enquanto “ingenium”, dar-se-ia uma derradeira glorificação do conceito de gênio inventivo*, porventura sensível também noutros países, mas aí mais evidente e singular: um aspecto que, por estar directamente relacionado com as anteriores considerações de Kant sobre o gênio, exige a nossa atenção.

Assim, se há uma razão porque vimos *omitindo* o caso alemão, é porque, pelo menos *até certo ponto no tempo, ele não existe*. A palavra “Genius”, e a dada altura “Genium”, existiam por certo na língua alemã, e até demos já ocorrência do ocasional registo destas; mas estas significavam ainda e sempre o já referido deus tutelar dos homens, e a sua ocorrência era de tal modo rara e umbilicalmente unida à significação clássica do termo, que, sem excepção, os vários dicionários da língua não a consideravam enquanto tal, redireccionando antes o uso do termo para “Witz” (“wizzi”, “witzte”) ou “Geist”. Exemplos disto, aliás, não faltam; pois durante o século XVII, nem Georg Henisch (1616), nem Georg Schottel (1663), nem mesmo Kaspar von Stieler (1691) registam o termo nos seus dicionários; Stieler, aliás, chega ao ponto de usar a palavra, mas apenas para traduzir em latim a entrada “Engel; Hausengel” (Stieler, DSS, 381) e para traduzir “Geist” por “genius sanctus” (id.: 638); e isto, quando no seu dicionário figuram já entradas para “Witz” e “Geist”. Ademais, Georg Liebe, no seu *Teutsches Wörter Büchlein* (1701), não inclui nem “Genius”, nem “Genie” na lista de entradas alemãs, nem mesmo na secção das palavras adoptadas do francês. E note-se que, mau grado a emergência da palavra em Wolff, na primeira metade do séc. XVIII, e as referidas teorias críticas sobre o termo, o qual, entretanto, já no séc. XVII fora elevado a talento natural do homem, nem Christoph E.

Steinbach (1734), nem Johann L. Frisch (1741) registam ainda a palavra, nem a antiga, nem a nova¹⁶, e não é até ao dicionário de Friedrich Gladov, *A la Mode-Sprach der Teutschen, oder Compendieuses Hand-Lexicon* (1727), que a palavra “Genie” é grafada num dicionário (embora trilingue) na Alemanha¹⁷ – o que nos leva a concluir que, embora não saibamos localizar bem as primeiras ocorrências do termo, podemos porém estimar *até quando ela não significou senão o que sempre significara*. O mesmo é dizer: *a entrada do termo “Genie” na língua alemã não pode estar dissociada da sua nova faceta de “ingenium” – pois a entrada de uma e outra são na Alemanha simultâneas*, e há que situar a tardia emergência simultânea de ambas após as primeiras décadas do século XVIII¹⁸; razão por que, dir-se-ia, até às poéticas dos suíços Johann Jakob Bodmer e Johann Jakob Breitinger, no início da década de 40, e até Lessing e Klopstock, o gênio de língua alemã não é outro que não aquele que há muito fora suplantado na Inglaterra e na França.

O lento, titubeante, incerto início de história do “Genie” alemão, porém, dificilmente poderia deixar antever o rico e importante estádio que a palavra, e com ela a noção de gênio como “ingenium”, aí não tardaria a alcançar, mais do que em qualquer outro país. Pois, por certo, na Alemanha, como em outros países, “Genie”, tal como “genie”, ou “genius”, eram antes de mais dom natural do espírito: prova consumada de toda a inventividade, originalidade, *natureza* do espírito humano, mais bem ilustrada na sublimidade das suas criações únicas; e assim, e por significar o gênio não só a consumação da inventividade e originalidade do indivíduo, mas também da nação que acolhia e versava o termo, chegaria ele a ser aí, como noutros países, assunto de uma crítica, de uma literatura específica. O mesmo, aliás, aconteceria de certo modo com o “Witz”, o gosto ou o espírito.

Mas, a meu ver, *nem o gênio, nem nenhum destes talentos naturais do espírito, se quedaria por esta condição; nem na Alemanha, nem fora da Alemanha*. Na Inglaterra, muito por acção de Shaftesbury e Young, e na França, por acção de Soubeiran de Scopon, o conceito de gênio prosseguia a sua evolução, cada vez mais como um *conceito distinto*, e núcleo central de um grupo de outros conceitos seus irmãos – justamente, os de “Witz”, espírito, etc. Na Alemanha, os escritos de J. G. Hamann e J. C. Lavater¹⁹ cumpriram o penoso, mas importante papel de preparar o estatuto do gênio como categoria estética. Mas, mais centralmente ainda, caberia à *Estética* de Baumgarten, em 1750 – e antes mesmo de o termo “Genie” ser grafado em qualquer dicionário exclusivamente de língua alemã! –, *eleva a estética a domínio do saber* (nomeadamente, um saber até então desconhecido das naturais faculdades do conhecimento, razão e entendimento), e assim, não só inaugurar a reflexão sobre a possibilidade de um

¹⁶ Referi atrás que Nicolaus Volckmar: *Dictionarium Trium Linguarum Latine*, 1605, faz já referência a “genius” como próprio do natural; mas o uso, como se poderá imaginar, não era ainda consensual na Alemanha. Assim, Levinus Hulsius, Francesco Martino Ravelli: *Dittionario, Italiano-Francese-Tedesco; Francese-Italiano-Tedesco; E Tedesco-Francese-Italiano*. Frankfurt 1616, não faz sequer referência à palavra; e o *Dictionarium Latino-Sveco-Germanicum Ex Variis Probatorum Authorum Lexicis* (1640) de Jonas Petri, não é neste uso da palavra tão inequívoco. *A dictionary English, German and French* (1706), de Christian Ludwig –, esse sim, refere-se já inequivocamente a “genius” como “angebohrne Art, natürliche Zuneigung” (Ludwig, DEGF, 301), tal como já era uso na Inglaterra e na França. Mas nenhum destes se refere ainda a “Genie”, enquanto estrangeirismo tomado pela língua alemã.

¹⁷ A referência é tanto mais digna de nota, porque Gladov refere-se a “Genie” como “die angebohrne Art, Zuneigung, oder Natur eines Menschen” (Gladov, SdT, 276), deixando para “Genius” a acepção de “Natur-Geist” (id.).

¹⁸ A prova é dada por Adelung, que, em 1774, se refere a “Genie” como uma palavra “das in den neuern Zeiten im Deutschen aufgenommene franz. Wort Genie (...) abstammt” (Adelung, GKW.2, 559).

¹⁹ Refiro-me, por exemplo, às *Sokratische Denkwürdigkeiten* (1759), ou à *Aesthetica in Nuce* (1760), no caso de J. G. Hamann, e “Genie” (1777), no caso de Lavater.

mais fecundo conhecimento individual, proveniente do sentimento de cada um, como abrir para a noção de que esse diferente, tão singular conhecimento seja veiculado por princípios ou instrumentos estéticos outros que não os da mera racionalidade e sua universalidade; a saber, justamente o génio, o “Witz”, o gosto. Isto é, o que Baumgarten sugere, e com ele, salvaguardando as devidas diferenças, também Hamann ou Lavater, é que o génio, o “Witz”, *são mais do que meros talentos inatos do espírito humano, e que não basta dissociá-los da sua anterior raiz clássica*. Mais do que isso, *génio, “Witz”, gosto são para o próprio espírito humano veiculadores de novas, até então inauditas cognições, adquiridas mediante ele próprio, mediante a própria singularidade do seu sentimento, as quais não só são inegavelmente ricas de conteúdo, como ulteriormente vêm a revelar-se até muito benfazejas para a própria razão*. Numa palavra, pois, o génio afirma-se aí, *pela primeira vez*, não mais apenas como dom humano, e muito menos como espírito acompanhante, mas sim doravante ele próprio como *faculdade do espírito humano*, de tão notória importância como a faculdade de julgar ou a fantasia, e de tão pungente interesse para o tesouro do conhecimento humano como o estudo destes; uma nova e crucial noção que aqui vemos no caso alemão, mas que nem é de todo exclusiva deste, e não tardaria a propagar-se não só à literatura e filosofia alemãs, mas também às de outros países. Como prova disto, servem uma vez mais os dicionários de língua de tais países: por exemplo, Nathan Bailey, cujo *Dictionarium Britannicum* (1730) diz de génio: “the Force or Faculty of the soul, considered as it thinks or judges” (Bailey, DB, sem pág.); Johnson, no seu *English Dictionary* (1755) corrobora isto: “The Protecting or ruling power of men, places, or things (...); a man endowed with superior faculties (...); mental power or faculties (...); disposition of nature by which any one is qualified for some peculiar employment. (...) Nature; disposition” (Johnson, DEL, sem pág.); e, por fim, o próprio Adelung, que, no seu *Grammatisch-kritisches Wörterbuch* (1774), contemporâneo de Kant, *e de um modo muito afim a este*, é o primeiro a grafar a palavra “Genie” num dicionário de língua alemã, sob a seguinte entrada: “In engerer und gewöhnlicher Bedeutung. 1) Eigentlich, die natürliche Geschicklichkeit, gewisse Dinge leichter und besser zu vollbringen, als andern möglich ist; welche Geschicklichkeit die Folge eines bestimmten Verhältnisses aller Erkenntnißvermögen, oder eines hohen Grades aller Geisteskräfte ist.“ (...) 2) In noch engerer Bedeutung verstehtet man unter diesem Ausdrücke zuweilen, besonders in den schönen Künsten, die zum Erfinden nöthige scharfe und schnelle Beurtheilungskraft, schnellen Witz und unerschrockenen Muth. Das Genie erschafft, das Talent setzt nur ins Werk“ (Adelung, GWK, 559).

Assim, concluir-se-ia, o novo conceito de génio evolui por certo, e eleva-se ainda mais na sua evolução; mas tal não significa que ele negue os anteriores estádios dessa evolução; pois o génio, enquanto “ingenium”, não poderia enjeitar a sua inaticidade e superioridade, nem mesmo os seus recém-adquiridos traços de talento natural e originalidade individual do homem, e, em boa verdade, até se apoiaria sobre estes para alcançar *novos traços*, de que poderíamos destacar a espontaneidade da criação do génio, a ideia de génio como preclaro vidente da humanidade, o novo conceito de *daimon*, bem diferente da sua versão clássica (Hamann), numa palavra, a sua centelha divina (Lavater). Antes pelo contrário, pois, o que o século XVIII traz ao conceito de génio não são apenas novas dimensões, novas facetas, construídas sobre as anteriores; mais do que isso, durante as subsequentes décadas e até ao início do século XIX, o conceito de génio

sublima-se na sua forma de faculdade do espírito humano, assim selando a sua já referida inscrição na paleta dos talentos humanos. Assim alcança ele o último estágio da sua evolução, e, com isso, a sua plenitude e máxima fertilidade enquanto conceito, o seu curso como conceito central do pensar e sentir humanos; e assim se explica como o conceito chegaria a Kant, mas mais ainda o porquê de Kant lhe imputar as anteriores características, e a anterior tarefa no seio do espírito humano – uma índole que pouco a pouco se dissiparia com o decorrer do século XIX, e que nos nossos dias não raras vezes é esquecida, senão mesmo aviltada.

BIBLIOGRAFIA

- Adelung, Johann Christoph, *Versuch eines vollständigen grammatisch-kritischen Wörterbuches der Hochdeutschen Mundart*, 5. Th., Leipzig, Bernhard Christoph Breitkopf und Sohn, 1774-1786. (GKW)
- Bailey, Nathan, *Dictionarium Britannicum, or a more compleat Universal Etymological English Dictionary*, London, T. Cox, 1730 (DB).
- Bullokar, John, *An English Expositour, or Compleat Dictionary*, Cambridge, 1616 (5th edition, John Hayes, 1676) (EEx)
- Cawdrey, Robert, *A Table Alphabeticall, or the English Expositor*, London, Edmund Weaver, 1604 (Uso 4^a edição, London, Edmund Weaver, 1617) (TA).
- Coles, Elisha, *An English Dictionary*, London, Samuel Crouch 1676 (uso edição posterior, London, S. Collins, 1717) (ED).
- Diderot, D., D’Alembert, J. le R., *Encyclopédie, ou Dictionnaire raisonné des Sciences, des Arts et des Métiers*, 35 Vol. Paris (1751-1772), (Encyclopédie)
- Diez, Friedrich Christian, *Etymologisches Wörterbuch der romanischen Sprachen*, 2 Bde. Bonn, Adolph Marcus, 1853 (EwrS).
- Elyot, Sir Thomas, <http://quod.lib.umich.edu/e/eebo/A21313.0001.001/1:7?rgn=div1;view=fulltext>. *Encyclopaedia Britannica*, (18 Vol.), ed. By Thomas Dobson, Philadelphia, 1788-1798.
- Furetière, Antoine, *Dictionaire Universel*, 3 Vols., Haye & Rotterdam, Arnout & Reinier Leers, 1690 (DU).
- Gladov, Friedrich, [i.e. Sperander], *A la Mode-Sprach der Teutschen, oder Compendieuses Hand-Lexicon*, Nürnberg, Buggel und Seitz, 1728 (SdT).
- Grimm, Jacob; Grimm, Wilhelm, *Deutsches Wörterbuch*, 32 Bde., Leipzig, S. Hirzel, 1838-1961.
- Johnson, Samuel; Walker, John, *Dictionary of the English Language*, London, P. Knapton et. al., 1755 (DEL).
- Kant, Immanuel, *Gesammelte Schriften*. Hrsg.: Bd. 1-22 Preussische Akademie der Wissenschaften, Bd. 23 Deutsche Akademie der Wissenschaften zu Berlin, ab Bd. 24 Akademie der Wissenschaften zu Göttingen. Berlin 1900ff. (AA)
- Kersey, John, *Dictionarium Anglo-Britannicum: or, a general English Dictionary*, London, J. Wilde, 1708 (DAB)

King, Ralph Frederick Breach, *An Analytical History of the Conception of Genius in English Literature and Thought from 1700 to 1775*, Michigan, Palala Press, 1960 (AHCG).

Ludwig, Christian, *A dictionary English, German and French*, Leipzig, Thomas Fritschen, 1706 (DEGF).

Oudin, César; Oudin, Antoine, *Thresor des Deux Langues Espagnolle et François*, Paris, Antoine de Sommaville, 1645 (TTL).

Perras, Jean-Alexandre, *L'exception exemplaire : Une histoire de la notion de génie du XVIe au XVIIIe siècle*, Tese, 2012 (EE).

Richelet, César-Pierre, *Dictionnaire François*, Geneve, Jean Herman Widerhold, 1680 (DF).

Sommer, Hubert, *Genie. Zur Bedeutungsgeschichte des Wortes von der Renaissance zur Aufklärung*, Frankfurt, Peter Lang, 1998 (GZBW).

Stieler, Kaspar von, *Der deutschen Sprache Stammbaum und Fortwachs, oder Teutscher Sprachschatz*, Nürnberg, in Verlegung Johann Hoffmanns, 1691. (DSS)

Volckmar, Nikolaus, *Dvictionarium Trium Linguarum, Latine, Germanice et Polonice*, Dantisci Impressum, 1605 (DTLL).

BREVE NOTA

SOBRE CRITÉRIOS DE TRADUÇÃO

O presente tentame de tradução visa respeitar as propriedades do estilo kantiano, e apresentar ao leitor uma versão da lição de Kant tão fiel ao texto original – quer no seu conteúdo, quer na sua forma –, e portanto tão pouco invasiva, quanto possível.

A nível *estilístico*, procurou-se, tanto quanto possível, guardar fidelidade ao tom de época do discorrer kantiano, e isso não só em geral, mas mais visivelmente, por um lado, ao nível das classes de palavras, que foram mantidas quase sem exceção, e por outro, ao nível aos artigos, e também à ausência dos mesmos. Ditos, expressões, entre outros, foram quando possível mantidos em respeito à especificidade da língua alemã, e não traduzidos pelos seus correspondentes em língua portuguesa; e o mesmo foi por nós aplicado até mesmo a expressões não idiomáticas, ambas as decisões num esforço de poder reproduzir, se não todo, pelo menos algum do estranhamento com que a palavra de Kant hoje por nós tem de ser recebida.

Com respeito a aspectos *formais* do texto, os objectivos desta tradução não diferem. A pontuação, tanto quanto possível, foi deixada intocada (travessões, pontos finais não substituídos por vírgulas, ou vice-versa, entre outros). A ocorrência de números (“1”, “2”...), foi deixada enquanto tal, o mesmo acontecendo com os itálicos presentes no texto original, e com a maioria das palavras não-alemãs por Kant usadas no texto (“gignere”, “genius”, “imitatio”, “licentia poetica”, “esprit”, entre outras), as quais, sempre que isso se mostra relevante, deixámos intocadas na sua língua de origem, mas, a bem de uma mais fácil compreensão das mesmas, decidimos grafar a itálico, nisto diferindo da edição da Academia.

Por fim, a excepção a este esforço de fidelidade é apenas uma; tendo em vista, porém, apenas complementar a lição em questão, e, se possível, favorecer uma leitura mais completa e rigorosa deste texto. Esta dá-se ao ocorrerem palavras centrais para a compreensão do texto, ou palavras que, no encadeamento, encontram similar correspondente, e por isso possam ser confundidas, ou, por fim, palavras cuja tradução, pela sua dificuldade, merece ser acompanhada da palavra original. Em qualquer um destes três casos, fazemos seguir a palavra traduzida do seu original, entre parênteses rectos (por exemplo, engenho [*Witz*], aplicação [*Fleiß*], ou assomos [*Einfälle*]).

DO GÊNIO.

IMMANUEL KANT

Inverno 1781/82.

Menschenkunde

Esta palavra é muito mal empregue, e deu azo a investigações que são muito vãs, mediante as quais se tentou decifrar com total exactidão o que por isto se significa. Gerard, um inglês, escreveu sobre o génio, e teceu sobre isto as melhores considerações, embora, de resto, a questão surja também em outros escritores. Génio é a originalidade do talento, e provém de *genius*, que significa um espírito próprio que sempre acompanha o homem, que lhe é associado logo à nascença e o governa. Por conseguinte, pode-se designar o génio por um espírito próprio, apenas que por espírito não se entende nenhum espectro, mas sim que o espírito tem no homem algo próprio que não tem em comum com outras coisas. Os franceses não podem usar a palavra espírito, pois entre eles *esprit* significa o mesmo que engenho [*Witz*]; mas, no génio, o engenho não é o mais proeminente. Daí que eles tenham tomado a palavra do latim. – Os talentos que segundo o grau são proeminentes, não podemos fazer deles ainda génio, antes tem de existir uma originalidade originária. Original significa 1) negativamente, aquilo que não é imitado, 2) positivamente, se algo é digno de imitação, por não ser isso nenhuma reprodução, antes poder ser designado por um original que merece ser imitado. Tanto pode haver loucos originais, quanto homens prudentes originais, ainda que seja indiferente como algo é constituído; pois basta que se disponha algo segundo um plano extraordinário, e aí há originalidade. *Pois nada é mais adverso ao génio do que o espírito de imitação; no emprego dos talentos tem de haver algo próprio.* Que o espírito de imitação é o contrário de todo o génio, vê-se já a partir do significado da palavra; pois génio provém de *gignere*, e por conseguinte as criações têm de nos ser já inatas e, por assim dizer, próprias da nossa natureza. Quando se diz que o homem tem génio, isso significa que ninguém teria produzido tais criações mediante aprendizagem. Aprendizagem é imitação, e por conseguinte nada mais deve ser para isso exigido, e não pressupõe nenhuns dotes com respeito à nascença, apenas aplicação [*Fleiß*]. Há que suprir a lacuna mediante aplicação, se a natureza foi madrasta no nosso provimento. O génio tem de existir por natureza, *pois nenhum professor no-lo pode dar, apenas a natureza, e ele tem de brotar do homem;* por exemplo, a ser engenhoso [*witzig*], nenhum homem pode aprender. A repetição rouba ao engenho a sua beleza, até mesmo o nome de engenho. Para esta originalidade e independência em relação a todos os modelos, é exigida liberdade em relação à coerção das regras, ao passo que o espírito da imitação consiste em que não se possa dar nenhum passo sem regra, antes sempre se esteja sujeito a prescrições das quais se faz um uso minucioso.

Shakespeare é uma cabeça da espécie a que se chama gênio; ele compôs as suas peças teatrais de tal modo que elas oferecem resistência a todas as regras. Ele não observou nem a unidade do lugar, nem a das pessoas, não por insipiência, mas porque a sua imaginação tinha de ter um campo de acção amplo, e não se deixava encarcerar. Mas se é louvável imitá-lo, ou se isto é um erro, é uma outra questão; pois não se pode afirmar que a ausência de regras seja aqui um aspecto bom do gênio, não, ela é um erro; mas a fecundidade do gênio volta a compensá-la. Uma coisa é certa: a coerção das regras cessa perante as proeminentes criações do gênio; pois o gênio é o senhor das regras, e não escravo destas. Se as regras são meramente convencionais, é desde logo possível que delas se divirja; assim, todo o teatro francês tem regras convencionais. – Ainda que o gênio mereça indulgência, na medida em que por vezes não se submete a regras, não se pode dizer porém que ele é uma cabeça eximida (livre), e que pode sobrepor-se a todas as regras. Por conseguinte, isto é apenas uma indulgência que lhe é concedida, e tem semelhança com a *licentia poetica*. Dada a coerção a que o poeta está sujeito, é-lhe permitido que por vezes tome a liberdade de divergir um pouco das regras da língua, mas nem por isso ele está absolvido de todas as regras.

Ao gênio, nada é mais adverso do que um mecanismo na educação. Este encontra-se especialmente entre os alemães; pois em nenhum povo na Europa há menos originalidade do que nele, na medida em que já o tronco da nação está inclinado para imitar. Os ingleses não são de todo educados segundo tal coerção, e porque estão menos encarcerados, crescem tanto mais livres. Nas nossas escolas, nada se pode ler mais insípido do que *uma composição escolar* [*Schulchrie*]: o jovem procura frases, pilha muitos escritores e remenda algo que se assemelha a uma manta de retalhos; depois, alegra-se de todo o coração quando soa bem. Uma *imitatio ciceroniana* oprime a cabeça de modo deveras assombroso; pois é bem possível que se macaqueie Cícero, mas imitá-lo, e fazer igual a ele, isso não se pode pedir de nenhuma criança. Este mecanismo das cabeças corrompe-a sobremaneira. Certas condições exigem o mecanismo; na condição militar ele é muito útil, e justamente nisso consiste a proeminência das nações europeias. Os povos orientais não podem vencer num duelo, pois este é *conduzido* de modo articulado; pois se o homem tiver a total precisão da *máquina*, ele é irresistível. Quando pessoas agem em corpos, nada lhes pode resistir, e facilmente deitam para trás das costas os poderes individuais. Mas na condição civil, o mecanismo nada vale. Até mesmo na militar ele tem alguma desvantagem; pois se aí ascende demasiado, os verdadeiros gênios deixam de fazer sentido. Na situação civil pode-se também permitir uma espécie de mecanismo, a saber, a ordem; mas se esta chegar a ponto de tudo ser disposto de tal modo que, por assim dizer, se proceda segundo uma tabela, então não mais há um homem que pensa. O mecânico na condução de negócios é o fundamento na grande ligação entre homens, e torna *possível* a execução de muitas coisas.

Um gênio, que é infinitamente diferente da cabeça mecânica, é aquele que no curso das coisas faz época, que só aparece em certos períodos e efectua melhoramentos. Daí que os gênios não sejam habitualmente bem-vindos, e não sejam muito respeitados, pois suscitam intranquilidade e trazem Estados à desordem. O gênio depende não tanto da grandeza do talento, mas *da* especial colocação do mesmo. Swift e Lichtenberg são deveras originais na sátira, de tal maneira que logo se vê que nenhum homem assim pensaria; por isso é que os seus

escritos tanto suscitam o riso. O génio está fundado sobre a desproporção, como um aborto em que alguns membros estão mal estruturados, mas que de resto tem membros saudáveis. É singular que Aristóteles, Sócrates, Pope, que foram génios especialmente grandiosos, fossem corcundas; todos os génios são de pequena estatura.

Contudo, há macacos com respeito à originalidade do génio. Em nenhum país, como na Alemanha, há tantas pessoas que tentam forjar originalidade através de desvios à regra. Na França e na Inglaterra nunca se ouviu falar de uma tal algaraviada [*kauderwelschen Sprache*], como foi o caso recentemente na Alemanha, onde se quis dar uma forma especial à linguagem apenas para parecer um génio. Isto é muito fácil; pois se o génio não fosse outra coisa que não o grotesco, seria muito fácil tornar-se um génio.

O positivo no génio é o criativo, ou a produção a partir de talentos próprios. A originalidade tem de consistir na fecundidade dos talentos. Em algumas pessoas encontram-se qualidades de génio: pessoas que, aqui e ali, produzem mediante a sua imaginação ideias incompletas que nos dão uma perspectiva para novas imagens. Os fanáticos parecem ser pessoas a quem se poderia chamar génios falhados; a natureza não estava ainda pronta para fazer deles génios. O filósofo alegra-se sempre que encontra tais pessoas, na medida em que deles pode *extrair* muito de característico; dessa espécie era Swedenborg; a sua originalidade bordejava a loucura.

Daí que *também um dos Antigos diga*: génio e demência não estão muito longe um do outro. O fanático e o entusiasta dão a matéria para delinear o que é próprio do génio. Algumas pessoas logram *introduzir* entendimento no fanático da imaginação; *pois tal como aqueles que comentam Virgílio ou um outro autor querem encontrar segredos em tudo, um homem hábil pode extrair entendimento de quaisquer assomos* [*Einfälle*] *insensatos*.

Para o génio são exigidos sensação, faculdade de julgar, espírito e gosto.

1. Sensação, isto é, toda a sensibilidade e a imaginação. A última reaviva a sensação [proveniente] da percepção dos sentidos. Para o génio são exigidas força, clareza, diversidade e uma grande amplitude de intuição. Estas propriedades, têm de as possuir principalmente poetas e pintores. Elas encontram-se especialmente em Milton e Shakespeare.
2. Por faculdade de julgar, entendemos tudo aquilo que pode adequar as criações da imaginação à verdade; pois apesar de toda a sua fecundidade, a imaginação não raras vezes diverge da natureza; a faculdade de julgar é por isso a censora do génio, que o submete à disciplina. Os génios devem ser vistos como mimalhos da natureza, a qual os presenteou com talentos especialmente bons, mas que, como todos os mimalhos, vieram a degenerar.
3. Espírito. No alemão, a palavra espírito concorda com génio. – Diz-se não que o homem tem o espírito, mas que ele tem espírito; por conseguinte, ele é aqui empregue como um predicado. Diz-se que a companhia tem espírito, isto é, algo que lhe dá vida; pois aquilo que anima todos os nossos talentos é o espírito. Há pessoas que, com as suas conversas, conseguem estimular toda uma companhia. O espírito impera na pintura; do holandês, diz-se que ele pinta sem espírito. Espírito é a ideia onde todas as outras representações recebem a sua consumação, e que transparece mediante uma criação; que uma tal ideia

tenha servido de fundamento a uma obra, tem de ser patenteado por essa mesma obra. Se houver espírito na companhia, sai-se dela agradado e instruído. A capacidade para *projectar* estas ideias mostra grandes dotes de talento.

4. O gosto faz com que a criação do génio coincida com toda a sensação. Ele não tem de concordar apenas com sensações privadas, antes tem de poder tornar-se universal e social. – Por essa razão, é pueril que se diga que cada um tem o seu próprio gosto; pois ele não tem rigorosamente nenhum gosto, pois o gosto consiste em que uma coisa valha também para outros. O gosto é uma propriedade em nós que apenas resulta *na* socialidade, de tal modo que tomamos em consideração não apenas o nosso gosto, mas também o gosto de outros. Nenhum homem tem gosto, que não tenha uma inclinação social. O gosto significa uma concordância nas sensações. Vemos que nos sentimentos dos homens há algo universal, e um homem tem gosto quando é capaz de um modo de sentir tal, que este concorde com as sensações de *muitos outros*.

O essencial do génio é espírito, ou a faculdade criadora que produz uma série de representações, e faculdade de julgar, ou a faculdade crítica. Faculdade de julgar sem espírito e espírito sem faculdade de julgar não constituem nenhum génio; do que pertence ao génio, o menos importante são a sensação e o gosto.

Diz-se de um homem que tem génio, ou que é um génio. O último significa a originalidade da cabeça. O homem tem génio significa o mesmo que: ele tem uma qualidade e uma conjugação de todos os talentos, os quais estão especialmente determinados para um ou o outro modo de execução. Mas sobre o que está fundada a conjugação de todos os talentos, é habitualmente difícil de descobrir, embora já aquando da escolha do modo de viver fosse útil saber qual o ofício que, de acordo com a qualidade de cada um, melhor se poderia praticar [*betreiben*]. Habitualmente, só tarde os homens são capazes disto, quando já há muito praticam o seu modo de viver. Ainda que o homem cumpra a sua destinação natural, não se pode porém dizer que ele tem génio, pois com isso ele não alcança nada proeminente. Tende-se a procurar génio apenas naqueles que mostram excelentes talentos em coisas que não podem ser substituídas por aplicação, por exemplo, se um pintor não é apenas um decalgador da natureza, mas também criador nos seus quadros. Existem bons pintores em relação àquilo que se prende com o imitar, mas que não logram esboçar nenhuma nova composição; por conseguinte, génio é aquilo onde a aplicação não logra substituir a falta de talento, e dessa espécie são todas as criações da imaginação. A um bom matemático, não se lhe chama génio, antes procura-se o génio junto dos poetas; por vezes, vemos génio na invenção de uma arte mecânica onde a natureza fez tudo sozinha.

Auto-didactas que inventam coisas que são já conhecidas, esses são designados por génios, pois o talento é-lhes inato, e a criação é, por assim dizer, haurida por si própria. Por isto se depreende que no génio não importa a grandeza do talento, mas sim que ele não deva consistir na imitação. Podemos comparar o génio com uma árvore: *nas raízes*, ele rebenta *na faculdade de julgar*. Da Alemanha, não se pode dizer que a natureza aí tenha sido muito munificente com génio; bem pelo contrário, o mais proeminente nos alemães é a faculdade de julgar, que é uma propriedade moral que não é fértil em criações *engenhosas*, antes visa uma modesta *ponderação*

da verdade. A sua utilidade é mais negativa do que positiva. Na copa, o génio rebenta naquele que é o proeminente talento da *imaginação, a saber, na [imaginação] produtiva*, que produz ela própria novas imagens. Onde o génio mais brota na copa, é na Itália; pois aí estão os maiores produtos da imaginação, isto é, do talento da sensibilidade *que é produtiva*, para produzir objectos no seu modo mais perfeito, por exemplo, na pintura, na escultura ou na arquitectura. Nestas, o entendimento tem sempre a sua participação, mas o essencial consiste porém na orientação da imaginação para a novidade, a vivacidade, etc. Na flor, o génio rebenta no gosto. A França é o assento do gosto, que consiste na escolha que agrada a cada um. Esta faculdade de escolher socialmente é maior nas nações que são mestres na sociabilidade. Mas a flor não é o essencial do génio; pois o gosto apenas acrescenta o refinamento às criações do génio, a fim de, por assim dizer, as polir; o génio pode produzir produtos muito grosseiros, de que é exemplo Shakespeare; aí mostra o génio toda a sua força, e não se deixa restringir pelo exemplo. Um homem tem gosto quando escolhe para todos, e não apenas para si. Por certo, alguém em solidão sempre conservará prazeres, e certas coisas ser-lhe-ão agradáveis ou desagradáveis; mas ele não pode ter gosto, pois nada pode escolher para a companhia. O entendimento aprecia tudo segundo a verdade, mas o gosto fá-lo segundo a sensibilidade de cada um. Quanto maior a socialidade num povo, tanto mais refinado será o seu gosto, e assim se tornará ele o legislador do gosto; isto, são-no os franceses, cuja propensão para a socialidade é a causa para ela mais importar nesta nação do que em qualquer outra. Já os antigos gauleses são descritos como tais pessoas sociáveis. Montesquieu é extraordinariamente *admirado* devido aos seus escritos. *No entanto, há nestes mais flor do que raiz, e mediante um seu livro nunca uma legislação pôde ser posta em marcha. Na Inglaterra, os produtos tendem sempre para um fim, e é com grande aplicação que fazem depender tudo do fim de que algo possa ser posto em marcha.* Aqui, o génio rebenta mais no fruto. Quando um e o mesmo objectivo é tratado por diferentes nações, vemos porém que o valor real é encontrado mais nos escritos dos ingleses, do que em outros.

No génio, a parte mais insondável é aquilo a que se chama espírito. Encontrar isto, [a saber], o que se pode designar por espírito em todas as criações dos homens, é tão impossível, quanto o é agarrar com as mãos um espírito na [sua] aparição. Por espírito, entende-se aquilo que vivifica; mas o que é vivificante nas criações da imaginação, isso é difícil de encontrar. Notamos que uma expressão de um poeta pode fazer uma impressão tal, que todas as forças do nosso ânimo são movidas, o nosso engenho começa a entrar num jogo, e o nosso entendimento recebe matéria para pensar. Este espírito não é mera vivacidade, pois o homem pode tornar-se muito saturado de vivacidade; bem pelo contrário, é o espírito aquilo que realmente vivifica. No espírito o homem não é meramente vivaz, antes a sua vivacidade transita simpateticamente também para a vida dos outros. Vemos que há espírito num escrito, mas não se pode dizer onde ele reside; contudo, parece que ingerimos uma certa semente para conhecimentos, e somos impregnados com novos pensamentos; enriqueceu-se os seus talentos com novas ideias. – Para aquilo que se deve designar por espírito, é exigido algo que se chama ideia especial, que consiste em extrair das coisas o essencial que nelas reside, onde o restante é meramente um suplemento em relação àquilo que constitui o verdadeiro fruto de certos conhecimentos. Formey fez a partir das obras de Jean-Jacques Rousseau uma selecção, a qual, todavia, não contém senão as ideias gerais, após o que muito é acrescentado a fim de expandir a obra. As ideias principais

que vigoram em muitos escritos são amiúde de tão difícil extracção, que não raras vezes o próprio autor não é capaz de as divisar, e por vezes um outro pode dizer-lhe melhor qual era a ideia principal. Mas quando na criação há algo que vive univocamente mediante o todo, a isto se chama espírito. Um livro pode conter muito engenho, e ser muito lúdico, mas estar ainda muito longe do espírito; pois engenho é uma espécie de guloseima que por certo apraz, mas não pode surgir frequentemente, tal como as doçarias; apenas o espírito genuíno fortalece os nossos próprios talentos, e os torna semelhantes ao original.

Há escritores que extraem a partir de si coisas que por certo não são inauditas, mas que todavia lograram pôr em marcha sem qualquer instrução. Estes são os aprendizes da natureza, a quem é espontaneamente concedido o que outros só podem aprender mediante muita aplicação. Nenhum país tem tantos destes aprendizes, segundo a relação *de habitantes*, como a Suíça; até mesmo entre os agricultores os encontramos em quantidade. Há entre eles filósofos, sem que eles próprios o saibam; há no seu fazer tanta filosofia, e no seu falar tanta originalidade, que há que quedar-se assombrado perante isto; por certo, estes homens mereceriam que se investigasse as suas propriedades.

Assim, há na Suíça verdadeiras cabeças mecânicas, que assim se tornaram apenas por si próprias. Por exemplo, mediante arte mecânica, construíram-se pontes que muito têm de maravilhoso. D[aquelas], há que distinguir os auto-didactas; pois estes carecem de grande trabalho e afico, e alcançam com grande esforço aquilo a que teriam sido trazidos por breve instrução de outros, por exemplo, na matemática, na pintura, etc.; estes não são nenhuns génios, antes pessoas laboriosas que recaem em algo por que em tempos se apaixonaram; estes mantêm-se comumente em amarras muito *apertadas*; ao passo que os verdadeiros génios começam empreendendo algo que um outro, para quem a coisa fosse já conhecida, não teria logrado pôr em marcha. Os músicos demonstram grande habilidade ao lograrem produzir num instrumento os sons que um outro instrumento tem, por exemplo, ao tocarem no oboé sons de flauta, muito embora o som não seja em si agradável. Por conseguinte, se há algo extraordinário (embora não tenha nenhum valor), isso é porém tornado agradável mediante esta singularidade e a arte que é aí necessária, e assim admiramos gente que, sem qualquer meio de auxílio, e apesar de todos os obstáculos, levou isto tão longe.

Poder-se-ia perguntar se o prazer numa tarefa sempre coincide com o dom natural para a mesma, e se a natureza assim ordena que, para além daquilo para que nos deu o talento, ela nos tenha dado também a propensão [para isso]. Seria de pensar que a natureza não teria dado a nenhum animal um instinto, sem que lhe concedesse também o talento para isso; mas, nos homens, a experiência não concorda com isto. Pode até ser aquele o mais proeminente talento do homem, para o qual ele tem a maior propensão; mas disto, o homem pode tirar pouco proveito. Nenhum homem provém de onde o determinou a qualidade da natureza, antes quase tudo depende da contingência. Alguns homens têm o seu cavalo de batalha, onde encontram o seu comprazimento, quer para isso tenham talento ou não; o que prova que o talento nem sempre concorda com a propensão. Assim, por vezes, um jurista tem grande propensão para a poesia, e esquece o seu cargo, ainda que por isso seja censurado e rebaixado, mas ele não pode de todo deixá-lo; por aqui se vê que o afã de ser poeta tem de ser a coisa mais desagradável

do mundo. Por conseguinte, uma grande propensão nem sempre prova o talento, antes este mostra-se a partir da conduta do homem. Por dever empreende-se um cargo, e por ocupação predilecta um ofício herdado.

Praecocia ingenia são crianças de excelente e muito precoce desenvolvimento das capacidades; mas, tal como o precoce desabrochar da flor numa árvore, isto significa habitualmente nenhum fruto. Baratier, que no seu 14º ano era já Doutor de Filosofia, e Heinecken, foram crianças-prodígio; mas o resultado provou que, quando cresceram, o seu espírito não mostraria nenhuns especiais talentos. Amiúde, o génio é oprimido por erudição ciclópica, isto é, por erudição para a qual o homem necessita de memória, e onde a faculdade de julgar não tem forças suficientes para processar toda a matéria da memória, e o verdadeiro génio é oprimido sob o fardo de uma tão colossal erudição. – Leibniz foi um dos mais proeminentes génios, mas quando se deixou desencaminhar pelos seus talentos, querendo saber tudo, isso fez com que não se distinguisse de todos os outros em nenhuma ciência.